

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 3 - "As Conseqüências do Pecado"
Oséias 7 a 9

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br.

“Quando eu tento curar Israel, o mal de Efraim fica exposto e os crimes de Samaria são revelados. Pois praticam o engano, ladrões entram nas casas, bandidos roubam nas ruas; mas eles não percebem que eu me lembro de todas as suas más obras. Seus pecados os envolvem; eu os vejo constantemente.” Oséias 7, 1e 2 (NVI).

Estas simples palavras introdutórias, registradas no capítulo 7 nos apontam para o tema do nosso estudo de hoje. É fácil nos esquecermos de que Deus está atento a tudo o que fazemos e isto está longe de se parecer com a doutrina do castigo, de que temos que andar certo para evitar o castigo. A situação não se resume ao que fazemos, mas sempre foi mais complexa porque nos coloca diante daquilo que somos, antes de se preocupar com as ações que praticamos. Quando Oséias fala, em obediência a Deus, que Deus nos vê constantemente, aponta para algo que extrapola a metáfora de alguém que está por detrás de paredes para vigiar e cercar. Ignorar isto é desperdiçar a oportunidade de acertar.

Nosso texto mostra, também, como Deus enxergava todo aquele momento histórico. Você deve estar lembrado de que a profecia de Oséias é fruto de

perto de trinta anos de atividade profética. Durante todo este tempo, foi ignorado o princípio da legitimidade da sucessão dinástica e, por meio de golpes, os reis se sucediam no trono a partir do jogo do poder, da força e dos interesses pessoais.

A idéia lhe parece familiar? Com certeza o é, porque quase três mil anos depois, continuamos a cometer os mesmos erros, a praticar, em nome dos interesses pessoais, toda sorte de desacertos, falcatruas, impiedades. Assim como ocorreu com Israel, imaginamos que estaremos imunes às conseqüências dos atos ignóbeis que praticamos ou permitimos que sejam levados adiante em nossa sociedade.

Vamos fazer um resumo do que aconteceu naquele cenário político, tendo em mente que estamos nos referindo ao Reino do Norte, que foi também denominado, na profecia, Israel e Efraim e que foi completamente extinto pelos assírios. Para tanto, aproximamo-nos da cronologia preparada por Airton José da Silva.¹

Houve quatro golpes de Estado, sendo golpistas: Selum, Manaém, Facéia e Oséias, este, homônimo do profeta. Também aconteceram quatro

assassinatos. Foram mortos: Zacarias, Selum, Facéias e Facéia. A seqüência foi a seguinte: Zacarias, filho de Jeroboão II, governou seis meses em 753 aC e foi assassinado. Selum, filho de Jabes, governou um mês, entre 753 e 752 aC e foi assassinado. Manaém, filho de Gedi, que matou Selum, governou entre 752 e 742 aC. Este rei já pagava tributo à Assíria, consoante relato em 2Reis 15, 19. Facéias, filho de Manaém, reinou de 743 a 740 e foi assassinado. Facéia, filho de Romelias, governou de 740 a 731 aC e foi assassinado e Oséias, filho de Ela, assassinou Facéia e foi o último rei do norte, de 731 a 722 aC.

Este quadro é mais do que suficiente para sinalizar para a degradação moral que a casa de Israel enfrentava. O profeta apregoa: “Todos eles se esquentam como um forno e devoram os seus governantes. Todos os seus reis caem, e ninguém clama a mim. Efraim mistura-se com as nações. Efraim é um bolo que não foi virado. Estrangeiros sugam sua força, mas ele não o percebe. Seu cabelo vai ficando grisalho, mas ele nem repara nisso. A arrogância de Israel testifica contra ele mas, apesar de tudo isso, ele não se volta para o Senhor, para o seu Deus e não O busca.” Oséias 7, 7-10 (NVI)

Porque assim Israel procedia, Deus faz anunciar as conseqüências do pecado, inclusive relacionado ao formalismo do culto que, para Deus, era completamente inútil, conforme

vimos no estudo anterior. Vamos conferir, a partir de Oséias 8, 11 e seguintes: “Embora Efraim tenha construído muitos altares para ofertas pelo pecado, eles se tornaram altares para o pecado. Eu lhes escrevi todos os ensinamentos da minha Lei, mas eles os consideraram algo estranho. Eles oferecem sacrifícios e comem a carne, mas o Senhor não se agrada deles. Doravante, ele se lembrará da impiedade deles e castigará os seus pecados; eles voltarão para o Egito. Israel esqueceu o seu Criador e construiu palácios; Judá fortificou muitas cidades. Mas sobre as suas cidades enviarei fogo que consumirá as suas fortalezas.”

Mais uma vez, deparamo-nos com os efeitos da auto-suficiência, do orgulho. No momento em que eram ameaçados por um grande inimigo, a Assíria, em vez de começarem a analisar os acontecimentos para identificar os elementos que estavam causando todo aquele problema, viram-se em condições de resolver por si mesmos a questão. Com os olhos voltados para as alianças que achavam seriam acertadas, permaneceram no erro e ainda o ampliaram ao ponto de macular as relações com Deus com sacrifícios sem qualquer sentido, que eram exigidos do povo simples, obrigado a cumprir rituais para prover palácios de comida.

Interessante que o tema da monarquia, que desde o início havia sido

denunciado por Deus como rejeição a Ele, volta na fala do profeta com tanta ênfase que a impressão que temos é que era impossível Deus continuar a conviver com reis, palácios, príncipes, herdeiros e toda a casa real. Diz assim a profecia: “Coloquem a trombeta em seus lábios! Ele vem ameaçador como uma águia sobre o templo do Senhor, porquanto quebraram a minha aliança e se rebelaram contra a minha Lei. Israel clama a mim: “Ó nosso Deus, nós te reconhecemos”, mas Israel rejeitou o que é bom: um inimigo o perseguirá. Eles instituíram reis sem o meu consentimento; escolheram líderes sem a minha aprovação. Com a prata e ouro fizeram ídolos para si, para a sua própria destruição.” Oséias 8, 1-4 (NVI).

Iniciamos os estudos em Oséias falando da chamada do profeta para a difícil tarefa de denunciar a auto-suficiência e o orgulho daquela sociedade que havia mantido a aparência de ser religiosa e seguidora do único Deus, mas que se descuidara de pequenos detalhes que mais tarde passaram a ser rotinas normais de rebeldia, nem mais percebidas como erro. De tal forma a corrupção se arraigou que, em casa e também no palácio, a figura da prostituição era a que melhor descrevia a situação e, por isso, foi empregada.

Em seguida, tratamos da contenda com Deus, sempre inútil e desastrosa para as partes envolvidas. Hoje,

acrescentamos a reação de Deus a tudo o que se sucedia. O quadro, então, está quase completo. Do que já vimos, há alguns pontos que merecem ser destacados e, se for o caso, corrigidos de imediato. Vamos, apenas, relacioná-los na esperança de que sirvam de alerta para que, de imediato, abandonemos tais práticas:

1. admitir concessões ao que Deus disse que não deveria ser feito. Exemplos: consulta a horóscopos, adivinhações, permissão para conviver com imagens, com símbolos construídos para aparentemente aproximar os homens de Deus etc.
2. banalizar o culto a Deus. Fazer dos momentos de culto oportunidades para quaisquer situações que estejam dissociadas do culto puro que a Deus é devido.
3. desconsiderar a orientação de Deus para a ocupação de cargos diretivos.
4. fazer aliança com tudo e com todos, ignorando a orientação específica de Deus.

Que Deus nos ajude a sermos vitoriosos no intento de ajudar a nossa sociedade a estar consciente dos caminhos de Deus, apropriando-se deles para implementar a justiça e a retidão.

ⁱ SILVA, SILVA, Airton José da. *A Voz Necessária – Encontro com os Profetas do Século VIII aC.* SP:Paulis. 1998, p. 73